



Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras

Politicamente incorrecto:
será o mundo dos políglotas?

Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras

Atas do III Colóquio Internacional
de Línguas Estrangeiras (CILE)



Editóres

Alexia Dotras Bravo

Ana Maria Alves

Cláudia Martins

Elisabete Mendes Silva

Isabel Chumbo

Dezembro 2020

Ficha técnica

Título: Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras
Atas do III Colóquio Internacional de Línguas Estrangeiras



Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2020

Éditores: Alexia Dotras Bravo *Instituto Politécnico de Bragança*
Ana Maria Alves *Instituto Politécnico de Bragança*
Cláudia Martins *Instituto Politécnico de Bragança*
Elisabete Mendes Silva *Instituto Politécnico de Bragança*
Isabel Chumbo *Instituto Politécnico de Bragança*

Capa: Soraia Maduro

Produção: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança

ISBN: 978-972-745-284-2

Handle: <http://hdl.handle.net/10198/22065>

Comissão científica

Alexia Dotras Bravo – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Cláudia Gonçalves – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Portugal
Ana Cristina Mendes – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal
Ana Isabel Moniz – Universidade da Madeira, Portugal
Ana Maria Alves – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Blanca Ripoll Sintes – Universidad de Barcelona, Espanha
Carla Gomes – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Portugal
Carlos Pazos-Justo – ILCH, Universidade do Minho, Portugal
Cláudia Martins – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Diego Santos Sánchez – Universidad Complutense de Madrid, Espanha
Dominique Faria – Universidade dos Açores, Portugal
Dominique Guillemin – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Elisabete Mendes Silva – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Fernando Ferreira Alves – Universidade do Minho, Portugal
Graça Bigotte Chorão – ISCAP, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Isabel Chumbo – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Joana Aguiar – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
José Ignacio Vázquez Diéguez – Universidade da Beira Interior, Portugal
Luciana Cabral Bessa – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Manuel Moreira da Silva – ISCAP, Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Margarida Coelho – ESTG, Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal
Margarida Morgado – ESE, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal
María Antonia Mezquita Fernández – Universidad de Valladolid, Espanha
María del Carmen Arau Ribeiro – Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Mark Daubney – ESECS, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Marta Saracho Arnáiz – Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Maria de Jesus Cabral – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal
Sofia Bergano – ESE, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Reinaldo Silva – Universidade de Aveiro, Portugal
Zaida Vila Carneiro – Universidad de Castilla-La Mancha, Espanha

Comissão organizadora

Alexia Dotras Bravo

Ana Maria Alves

Cláudia Martins

Dominique Guillemain

Elisabete Mendes Silva

Isabel Chumbo

Prefácio

O III Colóquio Internacional de Línguas Estrangeiras (CILE), realizado em outubro de 2019, cujas atas se apresentam neste volume, subordinou-se à seguinte temática: “Politicamente correto: será o mundo dos políglotas?”. O título do volume – Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras – representa uma extensão da sigla do Colóquio, porque surge como pertinente e representativa da abrangência deste Encontro Internacional e consentânea com os objetivos subjacentes ao mesmo. As múltiplas expressões das línguas estrangeiras assumem, por isso, uma importância incontornável no mundo atual, tendo igualmente constituído elementos de reconhecido mérito e influência.

Ao longo da história, várias línguas se assumiram como *lingua franca* pela conquista, pelo comércio e pela conversão religiosa (cf. Ostler, 2011), inevitavelmente associadas à construção de impérios. Vejam-se os exemplos do grego, latim, português, espanhol, alemão, francês e inglês. Tal evidência resultou numa uniformização linguística, cultural e política, ainda que a par destas coexistissem as línguas vernáculas.

A valorização das culturas nacionais, sob os auspícios do pluralismo cultural herderiano, ganhou novo fôlego com a recuperação de tradições e costumes, da literatura tradicional, muitas vezes de pendor regionalista (cf. Contos dos Irmãos Grimm, o Romancelheiro de Almeida Garret, Rimas y leyendas de Gustavo Adolfo Bécquer ou os Cuentos de Encantamiento de Fernán Caballero), e das variedades linguísticas consideradas exóticas. No entanto, e paradoxalmente, nasce também a noção de norma padrão ou de prestígio que faz parte do discurso das nações em processo de afirmação, ou seja, se por um lado se defendem as peculiaridades linguísticas, por outro, procura-se abafá-las para que estas sejam substituídas pelas línguas nacionais em emergência. Com o desenvolvimento do método comparativo e a descoberta das famílias das línguas (com base no seu parentesco), impõe-se também um processo de prescritivismo linguístico que só se vai paulatinamente desconstruindo durante o século XX.

Com base nestes novos princípios, começa a falar-se de línguas de prestígio (ou prestigiadas) a par de línguas minoritárias (ou menorizadas) social ou culturalmente, criando-se estigmas linguísticos que pouco favorecem o convívio transcultural e translinguístico. O prestígio inerente a determinadas variedades em nada se relaciona com categorias morais ou éticas, mas antes com a ideologia de que destas emana. No contexto atual, o inglês, como uma das últimas *lingua franca*, impõe-se nas organizações internacionais e multinacionais como a ponte linguística preferencial, sem esquecer a forte presença comercial do chinês na economia internacional. O uso de uma língua única leva-nos a questionar se esta postura não será politicamente incorreta, demasiado redutora de uma realidade por natureza multilinguística, poliédrica, transnacional e nómada. Nesta linha de pensamento, apresentamos o desafio de contrariar esta tendência monolingüística e uniformizadora, valorizando também todas as línguas e culturas sem preconceitos.

Esta foi a premissa principal que norteou o debate do III CILE, em 2019, uma vez que acreditamos que a aprendizagem de uma panóplia de línguas e culturas

estrangeiras pode abrir portas ao diálogo, ultrapassar fronteiras, tender pontes em conflitos e enriquecer culturas. No mundo atual, que afirma fronteiras e reafirma identidades para ultrapassar a desconexão e a incomunicabilidade, acreditamos no poliglotismo natural dos espaços transfronteiriços, no cosmopolitismo cultural secular e na porosidade dos mesmos, apesar da globalização tão marcada no mundo digital.

Atualmente, já não basta falar uma só língua estrangeira, a globalização, a “desterritorialização”, a “deslocação” das migrações, da diáspora e do exílio exigem que sejamos políglotas capazes de nos exprimirmos para estabelecer relações interculturais e, como afirma Edward Said (2005, p. 141), cultivar a percepção da diversidade em termos de diferentes mundos e tradições. Na visão de Aínsa (2015), somos políglotas porque todos somos estrangeiros nesta sociedade transcultural, passageiros em trânsito de um cronótopo que nos faz nômadas, errantes e mestiços num mundo em eterno presente fugaz. Os benefícios do multilinguismo são enormes para nos auxiliar a ultrapassar o fosso linguístico entre culturas. A língua deixa de ser pátria porque todas elas serão meramente temporárias (Said, 1996, p. 76). Atravessar fronteiras leva a romper barreiras de pensamento e de experiência, levando-nos a despertar para uma aprendizagem plural de línguas, para a reconquista da Torre de Babel.

No III CILE, foram propostos diversos temas e tópicos para discussão, dos quais os seguintes se encontram abrangidos nas presentes atas:

- **Os escritores políglotas**
- **A força das línguas mortas**
- **Monolinguismo vs. Plurilinguismo**
- **LE/cultura, memória e identidade**
- **Tradução e ensino das LE**

A todos os autores expressamos os nossos agradecimentos pela colaboração e disponibilidade manifestadas na publicação¹ dos seus textos.

A Comissão Editorial

Referências

- Aínsa, F. (2015). *Palabras nômadas. Nueva cartografía de la pertenencia*. Madrid-Frankfurt: Editorial Iberoamericana Vervuert.
- Ostler, N. (2011). *The Last Lingua Franca. The Rise and Fall of World Languages*. Arlington, U.S.: Adult PBS.
- Said, E. W. (1996). *Des intellectuels et du pouvoir*. Trad. Paul Chemla. Paris : Seuil.
- Said, E. W. (2005). *Humanisme et démocratie*. Trad. Christian Calliyannis. Paris: Fayard.

¹ Todos os textos foram submetidos ao processo de dupla revisão cega por pares.

Índice

Comissão científica	3
Comissão organizadora.....	4
Prefácio	5

Escritores políglotas

Eruditos políglotas: de Carolina Michaëlis a Francisco Manuel Alves e a sua relación coa cultura galega.....	11
Alexia Dotras Bravo	
Le polyglottisme pour l'ouverture des frontières Regards de Stefan Zweig et Romain Rolland	23
Ana Maria Alves	
When Languages and Cultures Die Every Day: Jorge de Sena's Sagacious Insight within the Framework of Portuguese American Literature	31
Reinaldo Silva	

A força das línguas mortas

Dead or Alive? A Brief Study on The Retranslation of Ancient Classics.....	53
Laura Del Valle Acevedo	

Monolingüismo versus Plurilingüismo

Quando uma língua não é suficiente: exemplos de <i>code-switching</i> na comunicação online	67
Joana Aguiar	
Plurilingüismo em Portugal: o ideal e o real.....	77
Judite Carecho	
Rute Soares	

Línguas Estrangeiras: Cultura, Memória e Identidade

Proyección de la(s) cultura(s) española(s) en Portugal. Contribución a partir del análisis de la programación cultural del Instituto Cervantes de Lisboa109	
Carlos Pazos-Justo	
Álvaro Iriarte Sanromán	
Rebeca Castañer Berenguer	

Tradução e Ensino de Línguas Estrangeiras

A importância da leitura na aprendizagem de uma língua estrangeira.....	123
Filipa Raquel Veleda Santos	
“Vamos ter de voltar a aprender a ter tempo livre”: as perífrases verbais portuguesas na tradução.....	137
Judite Carecho Rute Soares	
<i>Tradução Sob Investigação: uma proposta metodológica para o ensino da tradução no contexto do ensino superior</i>	161
Fernando Ferreira Alves	
A audiodescrição nas artes performativas: caso prático no Teatro de Bragança	173
Joana Casca Leila Lacerda Baia Cláudia S. N. Martins	
Los marcadores discursivos en El laberinto del fauno y su traducción al chino ...	189
Xiaoran LIU	
Detalhes de Vestuário - Abordagem Terminológica à Linguagem Têxtil.....	211
Helena Silva Manuel Silva	

Eruditos políglotas: de Carolina Michaëlis a Francisco Manuel Alves e a súa relación coa cultura galega

Alexia Dotras Bravo

alexia@ipb.pt

*Instituto Politécnico de Bragança / Centro de Literatura Portuguesa
Portugal*

Resumo

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), unha das máis importantes romanistas europeas, coñecida nos estudos galegos polos seus acertados traballos sobre lírica galaico-portuguesa, legou a súa biblioteca persoal á universidade de Coimbra, da que foi a primeira profesora. Dona Carolina ten correspondencia con Manuel Casás, Presidente del Instituto Coruñés de Estudios Gallegos, despois Presidente de la Real Academia Galega (1942-1960), con Manuel Murguía, marido de Rosalía de Castro, con Ramón de Araña e outros intelectuais galegos, alén dunha pequena biblioteca en galego. Pola outra banda, Francisco Manuel Alves (1865-1947), un dos etnógrafos, filólogos, arqueólogos e historiadores máis importantes de Portugal, centrado no estudo de terras transmontanas, porque era oriúndo de Bragança, legou a súa biblioteca persoal ao instituto de secundaria máis antigo da cidade, o *Liceu*, onde encontramos unha trintena de obras (libros e artigos) de temática galega ou comparada galaico-portuguesa. Ademais, a grande cantidade de cartas que recibiu encóntranse no museo etnográfico, Abade de Baçal. O estudo das bibliotecas e cartas - na medida do posible - de ambos eruditos, na relación coa cultura galega, permitiranos reflexionar e extraer conclusións interesantes sobre a porosidade das fronteiras, as culturas trasfronteirizas, a vinculación entre linguas minorizadas e oficiais e proxectar luz sobre os seculares elos entre Portugal e Galicia, xa na fronteira e interior, xa no litoral.

Palabras clave: Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Francisco Manuel Alves, bibliotecas persoais, correspondencia postal, cultura galaico-portuguesa.

Abstract

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), one of the most important European novelists, known in Galician studies for her successful works on Galician-Portuguese lyric, bequeathed her personal library to the University of Coimbra, of which she was the first professor. Dona Carolina exchanged letters with Manuel Casás, President of the Instituto Coruñés de Estudios Gallegos, later President of the Real Academia Galega (1942-1960), with Manuel Murguía, husband of Rosalía de Castro, with Ramón de Araña and other Galician intellectuals, in addition to a small library in Galician. On the other hand, Francisco Manuel Alves (1865-1947), one of the most important ethnographers, philologists, archaeologists and historians in Portugal, focused on the study of the lands of Trás-os-Montes, because he was born in Bragança, bequeathed his personal library to the oldest high school in the city, the *Liceu*, where we find around thirty works (books and articles) on Galician or comparative Galician-Portuguese theme. Also, the large amount of letters he received are in the ethnographic museum, Abade de Baçal. The study of libraries and letters - as far as possible - of both scholars, in relation to Galician culture, will allow us to reflect and draw interesting conclusions about the porosity of borders, cross-

border cultures, the link between minority and official languages and shed light on the secular links between Portugal and Galicia, either on the border and inland, or on the coast.

Keywords: Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Francisco Manuel Alves, personal libraries, postal correspondence, Galician-Portuguese culture.

1. Introducción

Neste traballo preténdese vincular dous estudosos das letras portuguesas que, aínda que forman parte da mesma época do positivismo científico nas áreas humanas e sociais, non presentan traballos en común, mais si unha forma de encarar o estudo de Portugal e a elevación do mesmo a partir de finais do século XIX: “É neste quadro que emerge a figura do Abade de Baçal, ao lado de grandes figuras do clero do seu tempo e continuando uma genealogia de padres que contribuíram para a construción da alta cultura nacional e da sua região” (Franco, 2017, p. 93), e incluso son postos no mesmo nivel na historia dos eruditos portugueses por Eduardo Lourenço, en *O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português*, de 1978, tal como sinala o mesmo autor (p. 97). Sen embargo, mesmo sen formar parte dun núcleo intelectual común, ambos senten a cultura galega próxima, por vontade propia ou por encontro casual no camiño do coñecemento da identidade portuguesa. Para saber cal é a fórmula de achega de cada un, serán analizadas as bibliotecas persoais dos dous, no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra o legado de dona Carolina e na Escola Secundária Emídio Garcia de Bragança o legado do abade de Baçal, para dar a coñecer patrimonios bibliográficos e epistolares lusos ligados coa cultura galega, reconstruír a relación cos axentes culturais galegos, a visión derivada da mesma e a interconexión das identidades galegas, portuguesas e castelás. Súmase tamén as cartas de dona Carolina con persoeiros galegos, acceso máis difícil no caso do erudito transmontano, por seren moitas e aínda sen a dixitalización completada.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (15 de marzo de 1851, Berlín – 16 de novembro de 1925, Porto) foi unha erudita alemá, nada en Berlín e portuguesa de adopción polo seu matrimonio co musicólogo e historiador da arte Joaquim de Vasconcelos en 1876. Filla dunha familia intelectual (seu pai foi profesor universitario), formouse de maneira autodidacta, orientada polo romanista Goldbeck (Delille, 2009), sendo unha referencia no mundo intelectual de Coimbra.¹ Estudiaría, por tanto, elementos lingüísticos e literarios do español e do portugués, pero tamén coñecía o catalán e o galego, como vou demostrar grazas ao seu legado, conservado na Universidade de Coimbra, no Centro de Literatura Portuguesa.

O seu primeiro traballo científico remóntase a 1867, con tan só 16 anos, que

¹ O proxecto remóntase a 2009, pero xa viña desde os anos oitenta e continúa até a actualidade (Delille 1985, 2007, 2013), cando a profesora da universidade de Coimbra coordinou unha exposición itinerante sobre a súa vida e obra, bibliográfica e documental, organizada pola Biblioteca Geral e a Facultade de Letras da universidade de Coimbra. Existe unha variada biobibliografía de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que está moi ben recollida na páxina do Centro Virtual Camões: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biografias/cmvasconcelos.html>. Foi magnificamente dirixido por Manuela Delille e que me permitiu consultar e analizar as cartas aquí descritas, agradecendo por isto á profesora Delille e a dra. Isabel Marques pola súa atenta e profesional amabilidade.

consistía nunha recensión a un libro de Mussafia sobre a lenda de Crescentia. Desde 1876 vive en Portugal dedicándose a estudos lusitanos. En 1911 é convidada invitada para dar clases de Literatura Alemá na Facultade de Letras de Lisboa, pero acaba por solicitar o traslado para Coimbra para non estar tan lonxe da súa familia e residencia, establecida no Porto. Até o 5 e 6 de febreiro de 1925 imparte as súas clases en Coimbra e morre o 16 de novembro do mesmo ano.

Por outro lado, Francisco Manuel Alves (Baçal, Bragança, 9 de marzo de 1865 – Baçal, Bragança, 13 de novembro de 1947) foi o abade de Baçal, Director del Museo Regional (1925-1935) autor das *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança* (1909-1947). Os seus intereses céntranse na etnografía, filoloxía, arqueoloxía e todas aquelas aproximacións culturais de tipo artístico e histórico. A historia de amor-odio con a cultura española pasa pola fronteira, unha constante mención nas *Memórias*, e especificamente en dirección leste, cara Zamora, Valladolid ou Simancas, de cuxo Arquivo presenta un coñecemento profundo. Outro aspecto a salientar é a grande atención dedicada aos xudeus e as bases sociais e culturais da Bragança histórica. De entre todas estas aportacións destacan as devanditas *Memórias* e mais dous legados na cidade, un no Liceu, o primeiro centro de ensino, a actual *Escola Secundária Emídio Garcia*, fundada en 1853 (Cabrita, 2004) e as cartas recibidas (non enviadas) que están custodiadas no museo etnográfico que leva o seu nome, *Abade de Baçal*, e que están en proceso de tratamento e dixitalización.²

O estudo das bibliotecas e cartas - na medida do posible - de ambos eruditos, na relación coa cultura galega, permitiranos reflexionar e extraer conclusións interesantes sobre a porosidade das fronteiras, as culturas trasfronteirizas, a vinculación entre linguas minorizadas e oficiais e proxectar luz sobre os seculares elos, algúns nunca antes traídos á superficie, entre Portugal e Galicia, xa na fronteira e interior, xa no litoral. Pódese engadir que son dous contemporáneos que nunca se viron confrontados na súa achega da cultura galega, aínda que pertencen a mundos de erudición moi parecidos, tales como a etnografía, o folclore, as manifestacións culturais populares e a importancia das bases medievais da construción da identidade galega e portuguesa.

2. As cartas galegas de dona Carolina

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), unha das máis importantes romanistas europeas, ben coñecida nos estudos galegos polos profundos traballos sobre lírica galaico-portuguesa, legou a súa biblioteca persoal á universidade de Coimbra, da que foi a primeira profesora muller. Un magno proxecto dirixido pola profesora Manuela Delille permite consultar agora as cartas con varias personalidades galegas, que non estaban visibles para o investigador. Ademais existe unha forma de

² De novo teño de agradecer ao dr. Amândio Felício, director do *Museu Abade de Baçal*, ao director da *Escola Secundária Emídio Garcia*, dr. Eduardo Santos, e à profesora bibliotecária da mesma, dra. Céu Afonso, que trata con agarimo os recursos dos que dispoñen, aínda que xa tentamos financiación para dar o tratamento adecuado aos dous espolios na espera de ter éxito con algúns dos programas públicos e privados de patrimonio cultural e bibliográfico.

saber os contidos das ditas cartas, pero non o listado de personalidades con quen se carteaba, a través da páxina web das Bibliotecas da Universidade de Coimbra: <http://webopac.sib.uc.pt/>.

Por tanto, continuando cos estudos das relacións entre Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a erudita alemá afincada en Portugal, e a literatura ibérica (teño xa traballos sobre os estudos cervantinos, -Dotras Bravo, 2012-), nesta ocasión pretendo analizar a correspondencia cos intelectuais galegos con quen mantivo contacto, presentes tamén na súa biblioteca persoal. Dona Carolina posúe correspondencia con Manuel Casás, Presidente do Instituto Coruñés de Estudos Gallegos, despois Presidente da Real Academia Galega (1942-1960), con Manuel Murguía, marido de Rosalía de Castro, con Ramón de Araña e outros intelectuais galegos. Todas están escritas en castelán.

As cartas presentámolas de maneira alfabética, por apelido, e datamos cada unha. Facemos unha breve nota bibliográfica do escritor da misiva e tentamos mostrar a posible relación académica, intelectual ou cultural con dona Carolina.

2.1. Ramón de Araña y Pérez

Ramón de Araña y Pérez (O Ferrol, ?- O Ferrol, 1939): importante musicólogo e erudito do Ferrol, que asinaba co pseudónimo de “Pizzicato”, socio fundador do Ateneo Ferrolano e home destacado da vida social e cultura da cidade. Publicou varios libros e artigos sobre “cantos e instrumentos gallegos”.

Son catro cartas, datada a primeira en Ferrol en 18 de novembro de 1902, para agradecer e dicir que vai facer o encargo que lle fai, supoñemos que falar sobre a muiñeira; a segunda en 25 de decembro 1902 e as outras dúas no Ferrol, 24 marzo de 1910 e Ferrol, 7 novembro de 1911. A segunda trata sobre a muiñeira e os seus compoñentes folclóricos. As outras dous son agradecementos por libros recibidos. Todas elas son en castelán.

A máis extensa e relevante é a do 25 decembro 1902, época na que o autor está totalmente inmerso nos seus labores musicólogos e culturais e dona Carolina está moi interesada por cuestións de música popular, como se traduce doutras cartas da época. Para a súa explicación do baile e a música é incisivo e subxectivo, quizais “áspero y arriesgado”, como diría Isaac Otero. Quéixase de que se mira con “punible desdén” todo o popular, que na materia non hai “mucho utilizable”, ademais de que chaman muiñeira a “innumerables melodías vocales e instrumentales”; salienta que “la muiñeira ya no se baila, o si se baila no es con aquella recatada compostura”; anota os instrumentos: gaita, tamboril, bombo co fin de “acentuar el ritmo”; subliña os metros predominantes, as quartetas octosílabas. No seu breve estudo preliminar fala de dous tipos, unha sería un antiquísimo baile popular, que xorde do Punicor (sic) de Sillio Itálico. A segunda, máis moderna, ten unha extensión maior. Sen embargo, para Araña non existe “fundamento serio para atribuirles esa remota antigüedad”, xa que debe ser do século XVII e popularizouse no século XVIII. Non ten influencia do gregoriano, nin de cantos orientais, gregos ou asiáticos, “como quieren los doctos”. Difundido no norte de Portugal, Asturias e León. Esta segunda relaciónaa co contrapás catalán, sería moi parecida ás pastorelas catalás. Cre que non son

galegas xenuinamente. Conclúe que non son antigas porque aínda que existan nos cancioneros as formas métricas non “debe admitirse en la música idéntica fecha de origen”.

2.2. Nota de Leandro Carré Alvarellos

Nota de Leandro Carré Alvarellos (A Coruña, 1888- A Coruña, 1976) adxunta a una carta aclaración de Murguía que está perdida, aínda que me responden as responsables de catalogación que pode ser que apareza. Datada no Porto, a 25 de outubro de 1912. Leandro Carré Alvarellos, un dos catro fillos de Eugenio Carré Aldao aos que Couceiro Freijomil dedica entrada no seu Dicionario. Notable escritor, historiador e lingüista galego.

2.3. Dúas cartas de Manuel Casás

Dúas cartas de Manuel Casás (A Coruña, 1867-A Coruña, 1960), avogado, escritor e intelectual galego asociado a todas as institucións de divulgación da cultura galega da súa época: foi presidente do Instituto de Estudios Galegos e presidente da Academia Galega entre 1942 e 1960. Tamén foi alcalde da Coruña entre 1917-1919 e 1927- 1930.

A primeira carta trata da convocatoria para o Congreso de escritores galegos e portugueses para Agosto dese ano que non dá, pero sabemos que é 1924, por tanto é dese ano – as catalogadoras aventuran, moi acertadamente, 192-?. Pídelle que constituía o comité local en Coimbra, outorgándolle amplas facultades. Debe propor persoas, temas antes do 1 de agosto. A materia será as relacións culturais entre España e Portugal, de un modo especial con Galicia, de tipo literario, artístico, histórico, científico e profesional.

A segunda misiva agradece o exemplar da revista Lusitana que ela tería enviado, e tamén lle corresponde con outro de La voz de Galicia sobre a cultura portuguesa (escrita por el?). Pide máis exemplares da revista para distribuír entre intelectuais galegos. Cre que xa terá o libro do anterior congreso, o primeiro, celebrado en agosto de 1919, onde dona Carolina publicou un traballo sobre Ernesto Monacci. En definitiva, estas cartas evidencian a vinculación de dona Carolina con aquel esforzo atlantista que uniu aos intelectuais de alén e aquí do Miño e que saíu das mans, entre outros, de Manuel Casás. Aínda anuncia un novo congreso de escritores galegos, lusitanos e españois e pide colaboración.

2.4. Unha das cartas de Américo Castro

Unha das cartas (16 marzo 1918) de Américo Castro di: “Quería saber si en antiguo portugués o gallego conoce V. otear, veo citada esta palabra por Valladares, pero no sé si será un castellanismo (...) y estoy tratando de relacionar las palabras otear con altum»outo»oto.”

2.5. Carta de Vicente García de Diego

Carta de Vicente García de Diego (Vinuesa, Soria, 1878-Madrid, 1978). Pasou polo instituto de Pontevedra en 1903 durante dous anos. A partir desa data a súa relación

co galego, así como con outras linguas ibéricas, é intensa. Burgos, 9 de febreiro de 1909, ofrécelle o seu libro *Elementos de Gramática Histórica Gallega*. Pídelle un xuízo sobre a obra, moi humildemente. Se lle gusta, enviaríalle Dicionario gallego “etimolóxico e histórico- bastante completo que tengo casi terminado”.

2.6. Telegrama de Rafael González Villar

Telegrama de Rafael González Villar (A Coruña, 1887-id., 1941) desde A Coruña 662-29-24-23, 25 novembro 1923, sobre una conferencia do marqués de Figueroa (Madrid, 1861-Madrid, 1932) onde se lle rendeu homenaxe a Michaelis e “entonose canto unión espiritual luso-galaica”, súmase á Sociedade a reunión de artesáns da Coruña.

2.7. Carta de Andrés Martínez Salazar

Carta de Andrés Martínez Salazar (Astorga, 1846-A Coruña, 1923) escritor e editor afincado en Galicia. O seu labor divulgador da cultura galega é moi notable, até sucedeu a Manuel Murguía na presidencia da Real Academia Galega.

A única carta, datada o 15 de outubro de 1911, agradece o comentario sobre o seu *Documentos gallegos* (non especifica, pero será polo interese que espertaría en dona Carolina e pola data, *Documentos gallegos de los siglos XIII al XV*, A Coruña, 1911), que probablemente terá remitido. Di que o seu traballo é “indispensable que es ya para el estudio de la lengua y literatura portuguesa, castellana y gallega”, e tamén afirma o mesmo de “Investigações sobre sonetos e sonetistas portugueses e castelhanos» (*Revue Hispanique*, 1910). A obra está na Biblioteca Geral, pero non se indica que fose de Carolina Michaëlis, como adoita.

Hai outra nota que non vexo por que ten de ser de Martínez Salazar, sen encabezado, sen asinatura e cun ton algo insolente: “Se ruega encarecidamente a Doña Carolina Michaelis se sirva indicar en que datos se funda en el tomo 2º del Cancionero d’Ajuda p. 169, para denominar al rey de León Orduño 11º “o primeiro bibliófilo coroadado español. Supongo que lo habrá hecho talvez, en vista de la importante escritura de restauración del monasterio de Samos en 922. Mas si así no fuere, se le agradecería indicase las razones para afirmarlo”.

2.8. Manuel Murguía

Manuel Murguía (Arteixo, A Coruña, 1833-id. 1923) escritor, historiador e pai do Rexurdimento e a Real Academia Galega. Foi tamén o marido de Rosalía de Castro.

Esta única carta fai referencia precisamente a esa relación. Datada na Coruña, o 27 de marzo de 1910, Murguía agradece o exemplar dunha obra da erudita e anuncia o envío do último volume das obras completas de Rosalía, a quen chama “infortunada esposa”, “los libros de quien fue tan buena, tan modesta, tan sin fortuna, mereciéndola tan grande como la que compartió conmigo las esquivces de una fortuna contraria”. No centro hai catro volumes e parece evidente que faltan cartas.

2.9. Julián Ribera

Julián Ribera (Valencia, 1858-Madrid, 1934), filólogo e musicólogo español,

dedicado tamén á música popular galega.

Son tres cartas, a primeira de 31 marzo de 1910, a segunda o 2 novembro de 1922, e a última o 2 decembro de 1922. A segunda trata do seu libro *La música de las cantigas*, que quería ofrecerlle a Carolina Michaëlis, cousa que consegue un mes despois, como lle di na última carta. Fai referencia a un estudio da música popular galaico-portuguesa que se vai incluír no *Homenaje a Menéndez Pidal: desde Códax até a muiñeira actual*. Ela subliña moito. El ofrécelle as 24 *cantigas armorizadas* e pídelle algún estudo dela como «Etimoloxías» e «Mestre Giraldo e os seus tratados de alveitaria e cetraria». (*Revista Lusitana*, 1910)

2.10. Tres cartas de Víctor Said Armesto

Tres cartas de Víctor Said Armesto (Pontevedra, 1871-Madrid, 1914). Escritor, catedrático de lingua e literatura galaico-portuguesa. Traballou sobre o mito de don Juan e recolleu poesía popular galega e dedicou páxinas críticas a diversos temas literarios.

A primeira é de 15-3-1910. En castelán. Solicítalle en préstamo a súa edición crítica do Cancioneiro de Ajuda. Pídelle consello sobre a interpretación de varias cancións do Cancioneiro da Vaticana. Non lle gustan “las reconstrucciones hechas por Th. Braga dejan, á mi ver, muchísimo que desear”. Fai unha comparación entre as cancións paralelísticas dos cancioneros e os cantos de berce e arrollo galegos. Relaciona unha canción de berce coas trovas dos cancioneros, a 192 “Para veer meu amigo” ou 797 (Vaticana) “Digades, filha, mia filha belida”. Fala do seu *Romancero popular gallego*, que lle quere regalar. Sen embargo, non existe o exemplar na BUC.

A segunda é rexistrada en Ribadavia o 22/9/1910. Pregúntalle se dona Carolina xa ten consigo o *Cancioneiro*. Por último, na terceira, tamén en Cuñas, Ribadavia, 9/11/1910 parece que lle perde o cancionero, enviado desde o Instituto de León. Vaílle enviar outro “recibirá Vd. Otro en su lugar, si bien las notitas marginales, manuscritas, que a aquel contenía, le será a Vd. Preciso rehacerlas”.

3. A biblioteca galega de dona Carolina

Sendo menos extensa ca do abade, sen embargo, son textos bastante traballados, lidos e anotados. Por orde cronolóxica, os libros galegos no legado de dona Carolina serían:

1. Castro, Rosalía de (1880). *Follas Novas*, Madrid: La Ilustración gallega y Asturiana. Moi lido e anotado.
2. Antonio Machado y Álvarez, Antonio (dir.) (1885). *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*. Madrid: librería de Fernando Fé, vol. VII, IX e XI. Só os tomos de galego. Moi lidas e anotadas.
3. Lamas Carvajal, Valentín (1887). *Gallegada. Tradicións, costumes, tipos e contos d’a terra*. Ourense: Imprenta do Eco de Ourense. Lido e anotado.
4. G. Besada, Augusto (1887). *Historia crítica de la literatura gallega*. Edad antigua, tomo primeiro, volume segundo. La Coruña: Andrés Martínez. Non lido.

5. López Ferreiro, Antonio (1895). *A tecedeira de Bonaval*. La Coruña: Andrés Martínez. Lido e anotado.
6. Vaamonde, Florencio (1923). *Bestas bravas*. Cruña (sic): El Noroeste. Lida e anotada. Dedicada do autor.
7. *Obras completas de Rosalía de Castro*, vol. I (*En las orillas del Sar*, 1909), vol. II (*Cantares gallegos*, 1909), vol. III (*Follas Novas*, 1910), vol. IV (*El caballero de las botas azules*, 1912). Só lido un pouco Follas Novas.
8. Pérez Porto, José (1915). *El derecho foral de Galicia*. La Coruña: L. Lorman, 1915. Non lida.

Como é posible observar, ten especial interese nos textos literarios, mais non en todos os que hoxe consideramos canónicos, como é o caso rechamante da falta de lectura das obras completas de Rosalía de Castro, aínda que *Follas Novas* é dos mais lidos e anotados, sabendo dona Carolina a importancia que tivo na cultura galega, a transcendencia internacional da súa poesía e o valor reivindicativo da muller, así como a lectura de textos ou músicas folclóricas. Pola contra, outros asuntos, como o Dereito, non lle crean curiosidade.

4. A biblioteca galega do Abade de Baçal

Pola súa banda, o abade de Baçal posuía unha biblioteca notable, practicamente sen ler, pero que demostra o grande influxo que exerceu nos eruditos galegos, que lle renden homenaxe e agradecemento regalándolle as súas obras e separatas. No total son trinta artigos, tanto dentro das revistas como nas separatas. Neste caso, adoitan ser dedicadas con moita admiración e respecto, aínda que non saibamos se o abade lles corresponde, ou sexa, se se trata dunha amizade intelectual real. Os contidos temáticos adoitan ser de tipo etnográfico e arqueolóxico, unha das profesións do abade, que foi director do primeiro Museo de Bragança, denominado Municipal e despois *Museu Regional de Obras de Arte, Peças Arqueolóxicas e Numismáticas de Bragança*, do cal foi director desde 1925 a 1935, xa iniciado a finais do século XX e para o que crearon unha asociación *Grupo dos Amigos do Museu*, levado a cabo con os amigos e eruditos da rexión José Montanha e Raúl Teixeira (Glória, 2019, pp. 30-33).

En relación ás cartas, ten milleiros delas, das recibidas, pero non copias das enviadas, nun legado conxunto con as do seguinte director do museo, o dr. Raúl Teixeira, da familia ilustre e pluridisciplinar en formación e dedicación, que pasa desde o traballo como maxistrado e xuíz ao colaborador mais próximo do abade no museo (Canhota, 2019, 309-311). Unha parte significativa esta dixitalizada, é dicir, preto da metade, mais falta o acceso é restrinxido por falta de medios. Esperamos en futuras investigacións poder analizar e divulgar os remitentes galegos e españois.

4.1. Traballos galegos no legado de Francisco Manuel Alves en orde cronolóxica

Vou dividir en os trinta artigos en tres bloques de tipo temático. No primeiro son aqueles autores que só aparecen unha ou dúas veces, no segundo os que forman parte da revista *Guimarães* e a última correspóndese aos escritos de José Ramón

Fernández Oxea, que se elevan a oito traballos. Relembro que non están lidos e moitos deles están dedicados.

4.1.1. Primeiro bloque: “miscelánea”

Podemos observar que se encontran aquí os mellores e mais sonados escritores e historiadores galegos, da talla de Murguía, Joaquín Arias Sanjurjo, de ilustre estirpe intelectual, o famoso Xocas, Xaquín Lourenzo, historiador do grupo Nós, ou Bouza Brey, un dos mais repetidos. Este último, un dos grandes historiadores, arqueólogos e escritores en lingua galega, multifacético e prolífico.

1. Murguía, Manuel (s. d.). *Historia de Galicia*, tomo 2, Imprenta de Soto Freire.
2. Fr. Martín García Sarmiento (1849). *Nacimiento y crianza de San Fernando en Galicia*, Ourense, Imprenta de D. Pedro Lozano.
3. Ramón Nocedal (1892). *Discurso Pronunciado por D. Ramón Nocedal*, Madrid, Imprenta de Enrique Maroto y Hermano.
4. Fermín Bouza Brey (1927). *Prehistoria y folklore gallegos*, Madrid.
5. Joaquín Arias Sanjurjo (1928). *El Reino de Aregia -Custodia, tutela, escudo, protección y defensa del Santo Grial*, Santiago, Imprenta La comercial.
6. J. R. Santos Júnior (1929). *Afinidades Galaico - Portuguesas de Folclore*, Porto, Imprensa Portuguesa. (?)
7. (1930). O baldaquino en Galicia; Foro de Lobeira. *Arquivos do Seminario de estudos galegos*, Santiago de Compostela.
8. Antón Fraguas Fraguas (1931). *Do folk-lore de Armeses-Listanco*, Nós.
9. Fermín Bouza Brey (1931). *A Pía Megalítica de Mougás e as prácticas adivinatorias da Galiza Antiga*, A Coruña, Litografía e Imprenta Roel.
10. Xaquín Lourenzo Fernández (1932). *A mulher no cancionero galego*, Madrid, Publicacións galegas e imprenta.
11. Joaquín Arias Sanjurjo (1932). *El Castillo de Litoria y otras menudencias orensanas*, Santiago, Tipografía Paredes.
12. Xaquín Lorenzo Fernández (1933). *Notas pra un cuestionario de ortografía*, Santiago, Nós.
13. Xaquín Lorenzo Fernández (1933). *O lino e a lá*, Santiago, Paredes.
14. Don José Vega Blanco-Indalecio Varela Lenzano (1933). La teología en los seminarios de Galicia; Puentedeume y su comarca. *Boletín de la Academia Gallega*, A Coruña.
15. Fermín Bouza Brey (1934). *Los Petroglifos de Monte Penide y los estudios sobre arte rupestre gallego-portugués*, Madrid, Tipografía de Archivos...
16. Eugenio Jalhay (1935). *El culto del hacha en el castro de Santa Tecla*, Orense. (?)
17. AAVV (1937). O Centenario de Rosalía Castro, Luar de Janeiro - Na Galiza dizem. *Revistas Portucale*, vol. X.
18. AAVV (1938). *Boletín de la Comisión Provincial de monumentos históricos y artísticos de Orense*, Tomo 11.

4.1.2. Segundo bloque: revista *Guimarões*

A revista *Guimarões*, fundada en 1884, continúa viva hoxe e é unha das referencias culturais en Portugal. Vinculada desde 2017 á universidade do Minho, serve como promotora da creación e divulgación científica, dentro das actividades da Sociedade Martins Sarmiento de Guimarões³. Son catro artigos, onde salienta de novo Bouza Brey, só ou en colaboración con Cuevillas, así como é relevante o feito de ser case todas nos anos 40, entre o 1946 e o 1947, últimos anos de vida do abade, cuxo prestixio tería claramente pasado as fronteiras.

19. Fraguas, Antón (1946). Dous Romances de Galicia. *Guimarões*, vol. LVI, p. 117 e ss.
20. Bouza Brey, Fermín (1947). Una ceca sueva desconocida en la diócesis de portucale. *Guimarões*, vol. LII, pp. 52-81.
21. Bouza Brey, Fermín-Cuevillas, Florentino L. (1928). Paralelos galegos a unha práctica popular trasmontana. *Guimarões*, vol. XXXVIII, N°3-4, pp. 115, 1928.
22. Garcia y Bellido, Antonio- (Cardoso?) Mario (1946). Os mais primitivos nomes da península hispánica. *Guimarões*, n° 56, pp. 3-4, pp. 227-250.

4.1.3. Terceiro bloque: José Ramón Fernández Oxea

De novo temos unha das grandes referencias culturais galegas, especificamente no campo da Historia, tamén outra vez con alcume, Ben-Cho-Sey, pseudónimo co cal asinaba as páxinas dos xornais galegos mais lidos. Un polígrafo transdisciplinar, Oxea resultou o último vinculado directamente ao Seminario de Estudos Galegos, pero ao mesmo tempo a política activa do Partido Galeguista antes da ditadura e despois estivo mais vinculado á pedagogía e á antropoloxía cultural.⁴ Resulta rechamante que, mais unha vez, a maior parte dos traballos pertencen aos anos corenta, últimos anos de vida do abade, cando recollía os froitos de toda unha vida dedicada á arqueoloxía, antropoloxía e etnografía. Con todo, nin estes interesantes artigos, case todos dedicados, nin os anteriores foron lidos polo polígrafo bragançano.

23. (1943). Jornadas Románicas por tierras de Lugo. *Archivo español del arte*. Madrid: CSIC, tomo 16, n° 58, pp. 239-263.
24. (1945). Santa María de Taboada dos Freires. *Boletín de la Comisión de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*. Ourense: Imprenta Popular, vol. XV, 1945, pp. 12-21.
25. (1944/1945). *La Pila bautismal de Reádigos “¿pre-románica?”*. Cuadernos de estudios Gallegos. Madrid, vol. 1, pp. 403-410.
26. (1945). La Iglesia Románica de Torbeo. *Archivo español del arte*. Madrid: CSIC, tomo 18, n° 72, pp. 375-380.
27. (1946/1947). Nuestra Señora del Destierro de Oya. *El museo de Pontevedra*.

³ <https://www.csarmiento.uminho.pt/revista-de-guimaraes/> consultado o 10 de setembro de 2020.

⁴ Pódese consultar a súa entrada no Diccionario Biográfico electrónico da Real Academia de la Historia, da man de López Silva: <http://dbe.rah.es/biografias/53878/jose-ramon-fernandez-oxea> (consultado o 13-09-2020).

- Pontevedra: Gráficas Torres, nº 4, pp. 69-73.
- 28.(1945/1946). *Algunas pilas románicas Sorianas*. Boletín del Seminario de Estudios Arte y Arqueología. Valladolid: Universidad de Valladolid, tomo 12, pp. 91-94.
- 29.(1946/47). Pazos de San Clodio. *Cuadernos de estudios Gallegos*. Madrid, vol. 2, pp. 105-112.
- 30.(1947). Reliquias de Yuste. *Archivo español de arte*. Madrid: CSIC, tomo 20, nº 77, pp. 26-59.

5. Conclusións

Para rematar, gustaba de incidir nalgúns aspectos comúns e outros diverxentes entre os dous polígrafos. Por un lado, salientan logo as diferencias do perfil sociocultural dos remitentes: musicólogos en dona Carolina, etnógrafos e folcloristas en ambos, arqueólogos no abade. Sen embargo, partillan a cultura como forma de estar no mundo, aínda que sexa en áreas diferentes, así como unha formación elevada e selecta, a capacidade lingüística elevada, de claros políglotas, que oscilan da vinculación lene con Galicia ao galeguismo mais combativo.

No abade danse algúns autores habituais que adoitan encher as páxinas das revistas especializadas e só Murguía sería compartido entre dona Carolina e o erudito transmontano. Por outro lado, Fernández Oxea, Bouza Brey, Xaquín Lorenzo Fernández, Xocas e outros buscan ao mestre Alves como lector experto dos seus traballos, que non lles corresponde, porque non hai troca científica e intelectual tan evidente como con dona Carolina. Trátase de receptores de parecidas lecturas, pero lectores dispaes. Ademais, é salientable a presenza da revista *Guimarães*, verdadeiro motor cultural en Portugal, non podía faltar nalgunha destas bibliotecas.

Por último, cabe resaltar que Galicia, por historia, definición, identidade e reparación busca Portugal como referente artístico, histórico e cultural. Mais ¿Portugal busca Galicia? ¿Trás-os-Montes busca Galicia? Tendo en conta a tendencia histórica que comunica Bragança con Zamora, cidades hoxe irmandadas, pero de vínculos seculares, non parece que o *continuum* (non) natural sexa cara a Galicia. Sexa como sexa, é evidente a importancia histórica do Rexurdimento a inicios do século XX, co desenvolvemento das disciplinas científico-humanísticas en Galicia e Portugal.

Bibliografía

- Alves, F. M. (2000). *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança/Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal.
- Cabrita, J. (2004). *O Liceu Nacional de Bragança e o seu patrono: uma história por contar*. Lisboa: Colibri.
- Canhota, T. (2019). Teixeira, Raúl Manuel. In *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa* (pp. 309-311). Lisboa: Instituto de História da Arte, FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

- Delille, M. M. G. (1985). Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) – uma alemã, mulher e erudita, em Portugal. *Biblos*, 61, 217-ss. Coimbra
- Delille, M. M. G. (2007). Carolina Michaelis de Vasconcelos – entre duas pátrias. In Henry Thorau (Ed.), *Heimat in der Fremde / Pátria em Terra Alheia* (pp. 11-30). Berlin: Deutsch-Portugiesischen Arbeitsgespräche. Edition Tranvia / Verlag Walter Frey.
- Delille, M. M. G. (coord.) (2009). *A vida e a obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos: evocação e homenagem: exposição bibliográfica e documental*. Coimbra: [s.n.].
- Delille, M. M. G, Corrêa-Cardoso, J. N. & Greenfiel, J. (coords.) (2013). *Carolina Michaëlis e Joaquim de Vasconcelos: a sua projecção nas Artes e nas Letras portuguesas*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- Dotras Bravo, A. (2012). La biblioteca cervantina de Carolina Michaëlis de Vasconcelos en la Universidade de Coimbra. In Patrizia Botta (Coord.), *Rumbos del Hispanismo en el umbral del Cincuentenario de la AIH*, vol. III Siglo de Oro (Prosa y poesía) (pp. 167-173). Roma: Bagatto Libri.
- Franco, J. E. (2017). A Ideia Nacionalizante de Portugal na Obra do Abade de Baçal. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, 20, 89-98.
- López Silva, I. (s. d.). Fernández Oxea, José Ramón. Entrada en Real Academia de la Historia, *Diccionario Biográfico electrónico*. <http://dbe.rah.es/biografias/53878/jose-ramon-fernandez-oxea> (consultado o 13-09-2020).
- Glória, A. C. (2019). Baçal, Abade de. In *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa* (pp. 30-33). Lisboa: Instituto de História da Arte, FCSH, Universidade Nova de Lisboa.